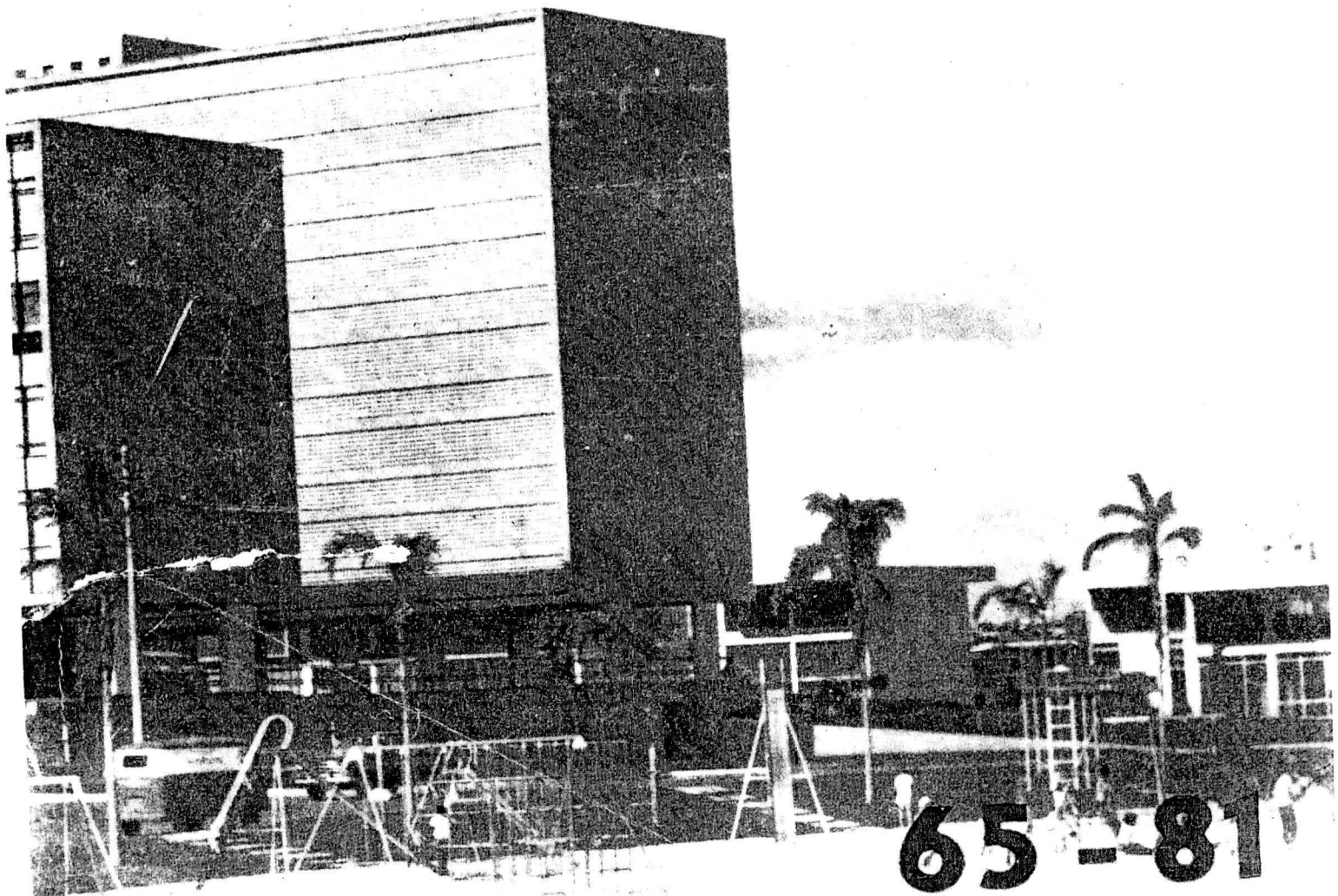


Brasiliana

Coleção Completa

BIBLIOTECA - A/PDF



65-81

VISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

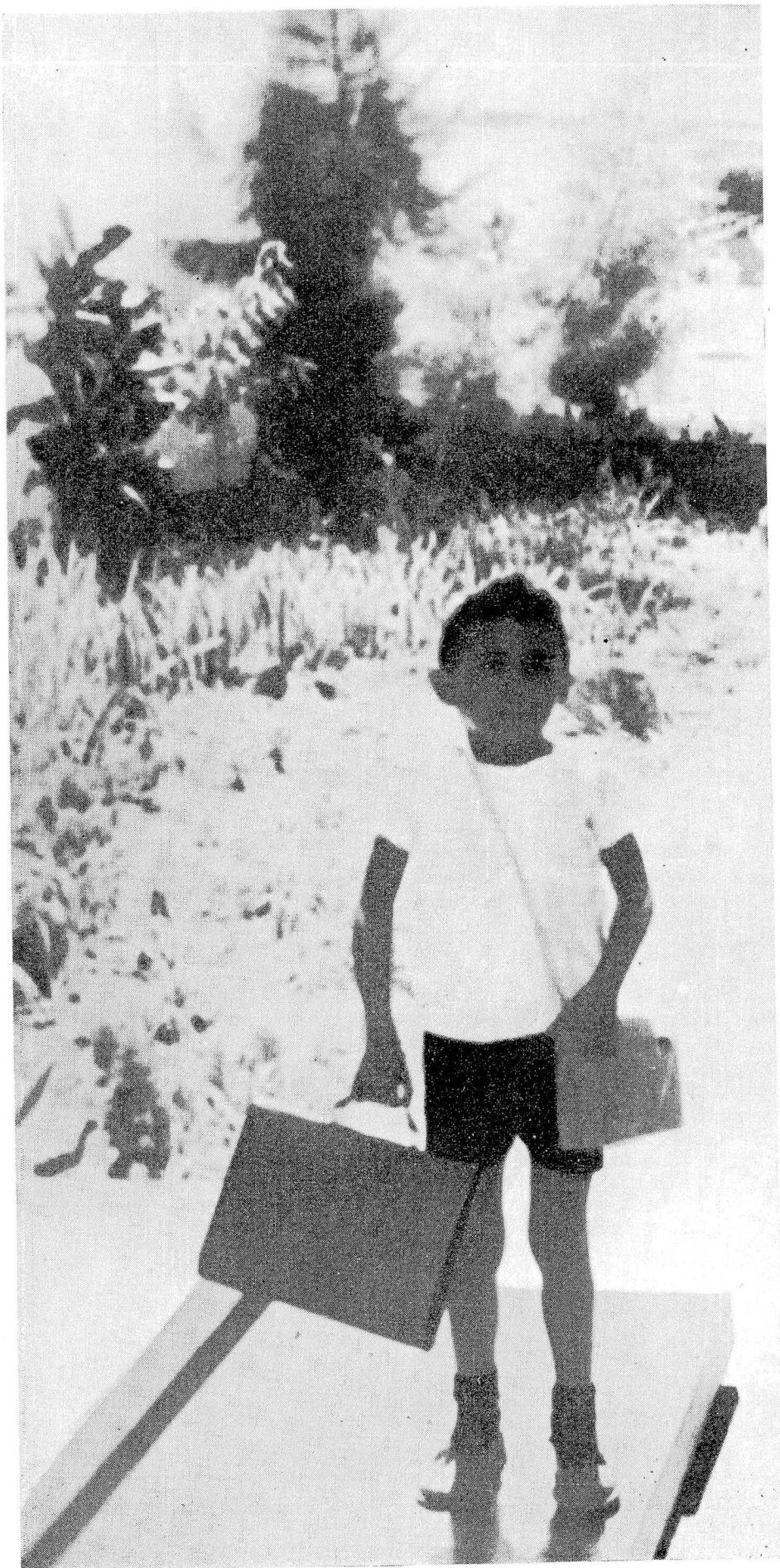
REVOLUÇÃO DOS ANALFABETOS

texto de José Leão Filho

Através do vidro do automóvel, o garoto de dois anos deixava que pelos seus olhos grandes e deslumbrados escorregasse todo aquele fugidio universo das ruas do Recife. Na próxima esquina, um desses artazes de agressivas proporções anunciava o nome de certo produto de base de cacau. Digamos que fosse *Brascau*.

O carro ainda realizava a curva, os grandes e deslumbrados olhos se contraíram num riso que era de alegria e também de vitória. Como numa explosão, veio do minúsculo aparelho vocal a paródia do gínglete televisão:

“Brascau, Brascau, Brascau, Brascau, Brascau . . .!”





Outro pai talvez tivesse apenas afagado a criança, ali no interior do automóvel. Mas o professor Paulo Freire, assistente do professor Newton Sucupira na cadeira de História e Filosofia da Educação, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Recife, e diretor do Serviço de Extensão Cultural da mesma Universidade — achava-se então empenhado na montagem de um sistema de educação popular que, já hoje, dois anos depois, promete causar profundas modificações na fisionomia social do Brasil e deixa perplexas autoridades de renome internacional em matéria de educação, inclusive da UNESCO.

O sistema, que até àquela época se fixava no seu aspecto cientificamente mais importante, o da conscientização do grupo social pelo debate dos problemas infinitamente numerosos que compõem a sua realidade histórica — evoluiu depois para a experiência também no campo da alfabetização de adultos. Dos testes levados a efeito na capital pernambucana e em Angicos, no Rio Grande do Norte, o último comprovado pessoalmente pelo presidente da República, em março deste ano, resultou uma arma que o Governo Federal agora toma para si e com a qual pretende eliminar, em todos os seus redutos, o analfabetismo que avassala 36 milhões de brasileiros.

MENINO E PROFESSOR

Conta o professor Paulo Freire que tudo começou quando ele não passava de um ginásiano e já lecionava Português, particularmente, aos colegas. Assim deflagrado nas suas tendências para o magistério, era no entanto o mesmo menino que brincava com os *moleques-de-rua*, em Casa Amarela, bairro onde nasceu de uma família da classe média, filho de um oficial reformado da Polícia Militar. Era também o mesmo garoto que, em Jaboatão, para onde a família se mudara em tempos difíceis, jogava *peladas* e nadava no Rio Duas Unas com os fi-

lhos de operários e camponeses daquela área.

Convivência tão estreita e jamais interrompida com a gente das camadas populares já elaborava no espírito do professor em projeto os elementos do conflito que daí por diante ele ia travar com os conceitos e métodos da educação tradicional, ainda hoje predominantes no Brasil, quase sempre divorciados do povo, da cultura popular, dos ideais de integração do homem brasileiro numa comunidade nacional consciente de si mesma. Cristiano convicto, cedo aprendeu a crer no homem e respeitá-lo, pois também cedo percebeu que “o homem cria e recria o mundo.” Intuitivamente foram ganhando corpo na sua mente as dúvidas e posturas que iriam impregnar, mais tarde, toda a sua formação pedagógica.

Por uma dessas incongruências da educação brasileira, que já faziam moessa no espírito do colegial Paulo Freire, o universitário Paulo Freire um dia recebeu o diploma de advogado. Mas continuou estruturalmente professor. A *prova-de-fogo* se deu pouco depois, quando, nomeado superintendente do Serviço Social da Indústria em Pernambuco, tentou a superação da linha assistencialista da entidade, inaugurando um tipo de educação popular com a ingerência dos trabalhadores nos destinos da instituição. Pronto lhe pregaram um rótulo: *comunista*. E parece que a coisa não foi para a frente.

NASCE O SISTEMA

Foi lecionar pedagogia na Escola do Serviço Social e algum tempo mais tarde fêz-se professor interino de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife. Em 1958, disputou a cátedra no estabelecimento universitário. Obteve o segundo lugar, com a tese *Educação e Atualidade Brasileira*, na qual se vislumbram os fundamentos do seu atual sistema de educação de adultos.

Convidado, tornou-se então assistente do professor Sucupira, na mesma cadeira, na Faculdade de Filosofia. Em 1960, numa campanha liderada pelo professor Germano Coelho, atual secretário da Educação de Pernambuco, formou com os professores Paulo Rosas, Norma Coelho, Ana Paz Barreto, o escultor Abelardo da Hora, o jornalista Aluísio Falcão e outros intelectuais — o grupo que instituiu em Recife o Movimento de Cultura Popular (MCP).

Assumindo a coordenação do Projeto de Educação de Adultos da entidade, e com base nos estudos que até então havia realizado, criou duas instituições educacionais: o *círculo de cultura* e o *centro de cultura*. O primeiro, com dois objetivos fundamentais: 1 — aclarar, pelo diálogo, a consciência do grupo em torno de problemas; 2 — a partir desse esclarecimento, levar o grupo, organizado, à superação dos mesmos problemas. Já o *centro de cultura*, mais plural, incluía várias atividades educacionais num centro de gravitação da comunidade local a que eventualmente se aplicasse.

O MCP contou, desde logo, com o patrocínio da Prefeitura de Recife, na gestão do então prefeito Miguel Arraes. O Projeto de Educação de Adultos entrou em execução com uma experiência entre trabalhadores, na localidade de Pôço da Panela, em Recife. Munido de ajudas áudio-visuais, inclusive um epidiascópio, que *apanha* a imagem de qualquer objeto e a projeta sobre uma tela, Paulo Freire reuniu esse primeiro grupo e lhe propôs uma coisa apenas: debater. Os alvos dos debates surgiram espontaneamente: eram coisas ou problemas que, direta ou indiretamente, interessavam ao grupo, lhe diziam respeito, lhe falavam de perto. Jornais, ferramentas, gravuras, esculturas, utensílios, tudo era ponto de partida para debates que acabavam por apaixonar as mais indecifráveis *esfinges*, em infinitas direções. Tratava-se de buscar a integração do homem

na sua realidade comunitária, a sua *temporalização*, a sua renúncia crescente aos mitos, preconceitos e qualquer forma de submissão mental. Procurava-se despertar no homem uma atitude crítica diante do mundo, pelo exercício do diálogo.

Um dia, o reitor João Alfredo da Costa Lima decidiu que a Universidade de Recife devia *dinamitar* suas muralhas e abrir-se para a cultura popular. Instituiu o Serviço de Extensão Cultural e convidou o professor Paulo Freire a dirigi-lo.

A experiência no campo da alfabetização de adultos começou na casa onde nasceu Olegário Mariano, em Recife, com cinco, depois oito, depois 25 participantes do *círculo de cultura*. Decorrido algum tempo, na Divisão Industrial de Produtos Farmacêuticos, estudantes da Faculdade de Química da UR, previamente treinados, prepararam 30 empregadas domésticas. Ao fim da primeira noite da nova experiência, chegando a casa, Paulo Freire confiou a D. Elza, sua esposa e colaboradora, a convicção de que o sistema era válido e irreversível na sua aplicação, iniciada horas antes. Abria-se para o sucesso a iniciativa, que tivera a estreita colaboração de jovem estudante de medicina, Carlos Augusto Nicéias.

O SISTEMA

O sistema Paulo Freire de Educação de Adultos, segundo acentua seu autor, não tem qualquer pretensão de supremacia em relação a qualquer método de alfabetização. Ao contrário, metodologicamente, é um sistema eclético, para o qual Paulo Freire procurou canalizar tudo o que os diversos métodos existentes oferecem de instrumental verdadeiramente eficaz, na medida em que tal coisa não perca de vista o homem humano, dotado de raciocínio, anseios, espontaneidade, capacidade criadora, consciência, enfim.

Assenta-se o sistema sobre bases antropológico-filosóficas, genoseológicas, pedagógicas e psicológicas.

Nos aspectos em que se relaciona com a antropologia filosófica, considera o homem em sua realidade como ser global. Não cuida apenas do homem *no mundo*, senão também do homem *com o mundo*. Todos os seres deste planeta estão *no mundo*. O homem, mais do que isso, está *com o mundo*, porque não aceita passivamente o mundo. Não se resigna à condição de objeto, mas, qualquer que

seja o seu grau de evolução cultural, mantém sempre, ainda que potencialmente, uma atitude subjetiva, de agente, em relação ao seu meio. Não obstante todas as influências a que está submetido, age continuamente no sentido de dominar essas influências. Pela capacidade criadora inerente à sua condição de ser racional, pode transformar o mundo. Não é apenas um objeto do mundo. Com este, ao contrário, mantém relações de recíproca e continuada doação. É um ser *relacional*, diante do mundo.

A partir de suas bases genoseológicas, o Sistema Paulo Freire acentua o fato de que o homem, nas suas relações com o mundo, age como ser consciente de si e do próprio mundo. Essa consciência será tanto maior quanto mais ela se adiantar à mera percepção sensorial, única dos irracionais, no sentido de uma percepção reflexiva e crítica cada vez mais aprimorada.

Porque não apenas está *no mundo*, mas também *com o mundo*, o homem busca seguidamente dominar a natureza e todos os obstáculos que se colocam ante o curso da sua existência. Para dominar, todavia, é preciso conhecer. E, para conhecer, o homem recorre não apenas às informações que obtém por intermédio dos sentidos. Apela também para aquelas informações que advêm da crítica, do exercício da razão em face das contradições que se constata no plano da simples percepção sensorial. Daí o homem buscar também uma evolução crescente na escala do conhecimento. Parte, então, da atitude ingênua, mística, supersticiosa, que inicialmente sustenta diante dos fenômenos para ele inexplicados, até atingir, em maior ou menor grau, uma postura cada vez mais isenta de compromisso com a simples aparência da realidade que o envolve e da qual ele próprio faz parte.

Ao elaborar as bases pedagógicas de seu sistema, o professor Paulo Freire convenceu-se de que, entre a compreensão e a ação, insere-se um elemento indispensável: o *pensar*. Para que a ação do homem ganhe transitividade, seja eficaz, é necessário que ele conheça o objeto da ação, mas é necessário também que ele *pense*, que ele se aposses da circunstancialidade que vai impregnar sua ação. O *pensar* propicia ao homem o instrumento que lhe permitirá operar o êxito da sua ação.

Vivendo o homem em sociedade e

participando com seus semelhantes das infinitas variações de uma só realidade, parece natural que o *pensar*, sobre ser uma atividade individual, constituirá antes de tudo uma elaboração coletiva, calcada na permuta de informações e idéias em constante processo de formulação e reformulação. Ao *pensar* do indivíduo, corresponde o diálogo, que é o *pensar* da comunidade.

Quanto às suas bases psicológicas, o Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos leva em conta três sistemas de sinalização para os quais o homem tende predominantemente, no seu esforço de figurar o impacto que lhe produz a realidade ou de figurar essa própria realidade. Inicialmente, o homem constrói a sua percepção interior, com base na realidade exterior, através dos sentidos. Procura depois a expressão verbal dessa percepção, que assim começa a decompor-se nos seus incontáveis aspectos. E finalmente tenta a expressão gráfica da percepção, em que esta, não obstante seja desmenbrada em partes, como na expressão verbal, readquire a sua forma unitária, pela fixação do produto mental num ponto além dos limites da memória.

No afã de reconstituir pela expressão a imagem de sua percepção em face da realidade exterior, o homem irá sempre descobrindo novos e infinitamente numerosos aspectos dessa mesma realidade, em cada entremeio das suas partes consecutivamente decompostas. Forma-se então um círculo dinâmico sobre o qual gira, em velocidade cada vez maior, o processo de apreensão da realidade.

DINÂMICA DE GRUPO

Partindo dessa concepção sintético-analítica do processo do aprendizado, Paulo Freire montou em seu sistema o *círculo de cultura*, que outra coisa não é senão aquele circuito de percepção e expressão da realidade. Apenas introduziu nesse círculo natural, para apressá-lo a figura do coordenador, cuja função é incentivar a *decodificação*, a decomposição do objeto ou tema considerado. O coordenador toma uma parte da realidade, lança-a como um desafio à consciência dos participantes do *círculo de cultura*. Com base nas respostas, novas partes da realidade são tomadas pelo coordenador e lançadas ao grupo, sempre em forma de indagação, nunca de afirmação.

Como se trata de um tipo de educação estreitamente vinculada ao po-

vo, e portanto desalienada, os temas de debate emergem todos de *situações sociológicas* previamente levantadas mediante pesquisa em cada região onde se aplique o sistema. A mesma pesquisa possibilita o levantamento do *universo vocabular* da comunidade local, no qual são selecionadas as *palavras geradoras* correspondentes àquelas *situações sociológicas*. Tais *palavras geradoras*, geralmente em número de doze a dezesseis, devem abranger todos os fonemas da língua portuguesa.

Parte de cada reunião do *círculo de cultura* é dedicada ao debate de uma *situação sociológica*, que os elementos do grupo visualizam por intermédio de *slides* projetados numa tela, em *strip-film*, pelo próprio coordenador. Não é preciso dizer que, nesta etapa do sistema, todos os participantes do círculo são analfabetos.

Quando o debate atinge o seu clímax e dêle já se podem tirar conclusões, estas são fixadas pelo coordenador, com o auxílio do grupo. Todos terão participado, mesmo os mais tímidos. De maneira que há um clima de interesse pela coisa debatida, cujo nome é em seguida apresentado no quadro, no reverso da tela giratória, mediante fichas-roteiro adrede elaboradas. A palavra é mostrada por inteiro e enunciada clara e repetidamente pelo coordenador. Todos repetem em côro. Chama-se a atenção do círculo para o fato de que, ao pronunciar uma palavra, abrimos a boca determinado número de vezes. A palavra é depois apresentada com sua divisão em *pedaços*, que são as sílabas. Todos acompanham em voz alta o coordenador, quando este pronuncia *pedaço* por *pedaço* a palavra. Exibe-se, em seguida, a chamada *ficha de descoberta*, aquela em que aparecem todos os componentes das famílias fonêmicas representadas na *palavra geradora*. Com surpreendente facilidade, todos os analfabetos *descobrem* nessa ficha os fonemas que compõem a palavra. Aprendem em seguida a pronunciar os outros fonemas e a razão por que eles diferem entre si. E ali mesmo iniciam a construção de outras palavras possíveis de serem montadas com os fonemas estudados. Paralelamente, o coordenador procura exercitar o grupo na transposição dos caracteres de imprensa, com que são feitas as fichas, para a escrita manual.

NATUREZA E CULTURA

Tudo isso é precedido, no início do funcionamento do *círculo de cultura*,

de reuniões em que o coordenador, pelo debate entre os elementos do grupo, procura estabelecer o conceito antropológico de cultura. Por si mesmo, o grupo é levado a tornar clara a diferença entre as coisas da natureza, criadas sem o artifício da inteligência humana, e as coisas da cultura, que têm a marca da capacidade criadora do homem. Essa conceituação de natureza e cultura faz-se indispensável ao estabelecimento daquela atitude crítica que permitirá ao *círculo de cultura* o livre debate das *situações sociológicas*, bem como o aprendizado da leitura e da escrita.

A segunda fase do sistema compreende a redução de textos pelos próprios elementos do grupo, seja com base nas conclusões dos debates em torno das situações sociológicas, seja utilizando textos de jornais, revistas e obras literárias. Aí se pode aferir não apenas o aproveitamento do círculo em relação ao currículo de alfabetização, mas também no que diz respeito ao despertar de uma atitude crítica em face de problemas. No momento, está sendo estudada a introdução, no sistema da iniciação ao estudo da aritmética e cálculos. Isso não será tão difícil, uma vez constatado que os analfabetos adultos geralmente denotam ligeireza nas *contas de cabeça* e não raro já conhecem e escrevem os algarismos.

ANGICOS

A primeira experiência maior a que se submeteu o Sistema Paulo Freire foi a de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte, com a participação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife. Cerca de 300 homens se alfabetizaram, durante cerca de um mês e meio, que é o tempo médio de duração de cada campanha.

Numa das centenas de cartas que o Presidente João Goulart recolheu das mãos dos ex-analfabetos, havia um trecho em que o signatário afirmava: "Antes, eu era massa; hoje, sou povo."

No dia imediato ao de sua posse como ministro da Educação e Cultura, o deputado Paulo de Tarso telefonou para Recife e convocou o professor Paulo Freire. Era para organizar e dirigir a Comissão Nacional de Cultura Popular, já agora em pleno funcionamento. A Comissão, que tem a seu cargo todos os assuntos de cultura popular na órbita federal, está no momento particularmente empenhada no problema da educação de adultos,

ou pela continuação da assistência ministerial aos projetos privados e oficiais de alfabetização já em prática, ou ainda pela expansão do Sistema Paulo Freire em diversas direções do território nacional.

Os projetos da CNCP serão executados em convênio com entidades oficiais ou universitárias, no país inteiro. Mas, onde se fizer necessário, serão criadas comissões Regionais de Cultura Popular, a exemplo do que já existe para Brasília e do que está sendo planejado para Salvador e Belém do Pará.

BRASÍLIA E PERNAMBUCO

Dentro do Sistema Paulo Freire, a CNCP acaba de pôr em funcionamento, em Brasília, nada menos de 95 *círculos de cultura*, nas cidades satélites de Taguatinga, Sobradinho e Gama. É a primeira parte de um projeto de três etapas, cuja execução se concluirá no primeiro semestre do ano que vem, quando deverão estar alfabetizados em toda a área do Distrito Federal, cerca de 40 mil pessoas, isto é, toda a população de analfabetos adultos indicada pelas estatísticas locais.

Em Pernambuco, onde nasceu o sistema, também estão funcionando agora cerca de cem círculos, enquanto outros convênios se acham em execução nos Estados da Paraíba, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Em todos os demais Estados, a Comissão Nacional projeta instalar próximamente experiências-pilôto, todas elas, como nos projetos anteriormente mencionados, com o assessoramento técnico do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, que vem preparando supervisores e coordenadores do sistema, para as diversas regiões do país.

Quanto aos aspectos organizacionais do Sistema Paulo Freire, os círculos de Taguatinga, Sobradinho e Gama, além dos círculos extraordinários em funcionamento para servidores da Novacap e Prefeitura, no Plano Pilôto, todos eles oferecem um testemunho de singeleza. Coordenadores, assistidos direta e diuturnamente por supervisores, todos eles selecionados e preparados pela equipe do professor Paulo Freire, trabalham todas as noites, num expediente de quatro horas, muitos em suas próprias casas ou em salas e barracos cedidos por terceiros. O aparelhamento das salas é o mais sumário. Alguns bancos rústicos de madeira, um projetor de

strip-film, o quadro-tela e as fichas-roteiro. Em cada sala, com o mesmo coordenador, dois círculos por noite, de hora e meia cada um. Aos sábados, reúnem-se os supervisores para fazer sua auto-crítica e procurar solução para os diversos problemas de cada setor.

Na sua maioria, os supervisores de Brasília são estudantes, professores primários e funcionários públicos. Os coordenadores, quase todos, são operários, nem todos possuindo o curso primário completo, mas que, não obstante, após o treinamento, revelaram plena aptidão para o novo mister, além da vantagem de residirem nos locais onde estão os círculos.

POVO E DESTINOS

Num momento em que o debate em torno das reformas sociais apaixona todos os povos subdesenvolvidos ou em fase de desenvolvimento, notadamente o povo brasileiro, a fórmula preconizada por esse professor pernambucano de 42 anos de idade surge como uma esperança, porque, segundo suas próprias palavras, "não é só fórmula, é também remédio".

Na recente reunião de ministros da Educação do Continente, em Bogotá, o ministro Paulo de Tarso ressaltou a advertência formulada pelos Presidentes João Goulart e John Kennedy, de que, se as transformações sociais na América Latina não vierem por meios pacíficos, ninguém conseguirá impedir as soluções violentas. E a experiência parece estar demonstrando que o povo, uma vez consciente de si mesmo e dos seus problemas, estará em condições de assumir e dirigir, efetivamente, seus próprios destinos, sem o recurso à violência, porque então não haverá quem possa pretender impedi-lo.

No meio da grande e pesada tarefa que se impôs e que agora se amplia com a confiança do ministro Paulo de Tarso, o professor Paulo Freire se detém de vez em quando para recolher momentos de ternura. Sua filha de 16 anos, que é coordenadora do sistema, escreve-lhe de Pernambuco: "Concluimos Tiriri. Choramos juntos. Amei aquela gente". Sua equipe, pesquisando entre analfabetos, recolheu frases como estas: "Quero aprender a ler para mudar o mundo" (São Paulo); "Quero aprender a ler para deixar de ser sombra dos outros" (Pernambuco); "Tenho a escola do mundo" (Santa Catarina); "Janeiro em Angicos é duro de roer porque janeiro é cabra duro pra judiar de nós" (Rio Grande do Norte).